



QUE JORNALISTA PARA QUE JORNALISMO?¹

Samária ANDRADE²

RESUMO

No contexto de transformações na indústria da comunicação, impulsionada por avanços infotecnológicos digitais, perguntas aparentemente simples ou superadas voltam a emergir: o que é jornalismo? Quem é o jornalista?

A reestruturação capitalista neoliberal, além de esvaziar o papel regulador do Estado e transferir autoridade para sistemas comerciais, nos últimos anos uniu a esses processos a ascensão das plataformas digitais – com extração e manipulação de dados, capital volumoso e interesses de mercado (ZUBOFF, 2021; VALENTE, 2019; MOROZOV, 2018; SRNICEK, 2016). Para Mosco (2017) essas plataformas comandam a “próxima Internet”, marcada pela mercantilização das instituições, corpos e consciências. E fazem isso via processos opacos, que promovem conteúdos enquanto invisibilizam outros. Wark (*apud* DEAN, 2021) pergunta: e se não estivermos mais vivendo no capitalismo, mas em algo pior? Estudos falam em “neofeudalismo” (DEAN, 2021).

Esse movimento ajuda a intensificar a desinformação. Morozov (2018, p. 11) observa que para o modelo de negócios das big techs “deixa de ser relevante se as mensagens disseminadas são verdadeiras ou falsas. Tudo o que importa é se elas viralizam”, uma vez que, dessa forma, rendem lucros.

Associadas ao ambiente de saturação tecnológica (SCHNEIDER, 2016; TRIVINHO, 2007) e novas formas de produção, transformações no mundo do trabalho trazem flexibilização e diminuição de emprego formal, remuneração e direitos. Silveira (2019) aponta uma expansão de aplicativos que modulam comportamentos. Os maiores grupos de comunicação também investem em empresas e serviços por aplicativos. O Grupo Globo, por exemplo, tem jogos de apostas, serviço de entrega, investimentos financeiros etc.

As mudanças são uma constante na profissão jornalística. Ruellan (1993) fala de uma atividade fluida, com instabilidades a percorrerem modelos. No entanto, alterações recentes, se ampliam formas de produção, também se relacionam com transformações que o jornalista não controla e às quais, muitas vezes, tem reagido de modo não reflexivo e pragmático.

As formas mais flexíveis prometidas tendem a dispensar a presença do trabalhador. Essa presença, no entanto, não é descartada, mas vai se alojando em tarefas de menor qualificação e remuneração e se refletindo em profissionais multiplataforma, polivalentes e precarizados (GROHMANN, 2021; ANTUNES, 2013). Empresas de tecnologia cada vez mais ricas utilizam mão de obra barata e desespecializada (DEAN, 2021). Para Antunes (2013) a desespecialização é também um ataque aos saberes profissionais.

¹Apresentado ao GT5 – Economia Política do Jornalismo.

² Professora de Jornalismo da UESPI, Doutora em Comunicação pela UnB, Líder do Grupo de Pesquisa TRAMPO – Trabalho e Mídia: Teoria e práxis (UESPI).

Todas essas condições incidem sobre o jornalismo praticado e o perfil do jornalista. Mesmo quem produz no chamado jornalismo alternativo, além da dificuldade de financiamento, é também dependente das big techs.

Esse estudo, de cunho teórico-crítico, objetiva refletir sobre contextos contemporâneos que impactam num redesenho do que se entende por jornalismo e jornalista. Ele é ancorado em Economia Política da Comunicação (EPC), que instiga a compreensão dos processos de mediação social envolvendo a informação, comunicação e cultura, observados em suas relações sociais de produção (BOLAÑO, 2016). Não tecnodeterminista, ainda que avalie um possível potencial libertador da técnica (PINTO, 2005), a pesquisa se justifica pela necessidade de, num momento de discussão sobre relevância do jornalismo, apontar como conceitos centrais – jornalismo e jornalista – superficialmente resolvidos, encontram-se tensionados e em reconstrução.

REFERÊNCIAS:

ANTUNES, R. (org). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

BOLAÑO, César Siqueira. Capitalismo global e crítica da Comunicação: por uma nova teoria da mediação social. **Revista Comunicação Midiática**, v.11, n.3, p.19-32, 2016.

DEAN, J. Neofeudalismo: o fim do capitalismo? **Margem Esquerda: Revista da Boitempo**, v.36, p.78-91, São Paulo: Boitempo, 2021.

GROHMANN, R. Trabalho plataformizado e luta de classes. **Margem Esquerda: Revista da Boitempo**, v.36, p.40-46, São Paulo: Boitempo, 2021.

MOSCO, Vincent. **Becoming digital: toward a post-internet society**. Emerald Publishing Limited, 2017.

MOROZOV, E. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu, 2018.

PINTO, A.V. **O conceito de tecnologia**. v.1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

RUELLAN, D. **Le professionnalisme du flou: identité et savoirfaire des journalistes français**. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1993.

SCHNEIDER, H. N. Dromocracia cibercultural: saturação tecnológica na sociedade contemporânea (2016). Disponível em: <https://www.ufs.br/conteudo/20103-dromocracia-cibercultural-saturacao-tecnologica-na-sociedade-contemporanea>. Acesso em: 01 ago. 2022.

SILVEIRA, S. A. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. **PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM**, v.3, n.6, 2019.

SRNICEK, N.. **Platform capitalism**. John Wiley & Sons, 2016.

TRIVINHO, E. **A Dromocracia Cibercultural: Lógica da Vida Humana na Civilização Mediática Avançada**. São Paulo: Paulus Editora, 2007.

VALENTE, J.C.L. **Tecnologia, informação e poder: das plataformas online aos monopólios digitais**. 2019. 400 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de Brasília, DF.

ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.